

Crescimento faz pobreza na Argentina cair 34% em 3 anos

A proporção de pobres na Argentina caiu 34% desde que a economia do país voltou a crescer, em 2003, informam **Marcelo Billi** e **Bruno Lima**. No primeiro semestre deste ano, 31,4% eram considerados pobres. Em 2003, o número era 47,8%. Nesse mesmo período, a expansão da economia do país foi superior a 8%.

Nas favelas argentinas, no entanto, os que dizem ter melhorado dependem de programas sociais. **Pág. 85**

Argentina cresce e reduz pobreza em 34%

Com forte expansão no PIB, país diminui proporção de pobres para 31%; em 2003, índice beirava 50% da população

Crescimento econômico acima de 8% nos últimos anos pesou mais que os programas de transferência de renda, dizem economistas

Depois do terremoto que empobreceu a Argentina e levou mais da metade da população para baixo da linha de pobreza, as taxas "chinesas" de crescimento do país conseguiram fazer a proporção de pobres cair em 34% desde 2003. No primeiro semestre deste ano, 31% dos argentinos eram considerados pobres, contra 57,5% em 2002 e 47,8% no ano seguinte.

A explicação para a redução da pobreza tem sido só uma. Os analistas apontam as altas taxas de crescimento do país, cuja economia se expande a um ritmo de mais de 8% desde 2003, depois de ter encolhido quase 15% entre 1999 e 2002.

O governo, é verdade, tem programas sociais que transferem renda para os desempregados. Cerca de 1,4 milhão de argentinos recebem algum dinheiro por meio do principal programa. Mas as transferências têm um efeito residual na redução da pobreza. Se fosse excluído o impacto dos benefícios, a proporção de pobres se-

ria de 31,7%, pouco maior do que os 31,4% registrados no primeiro semestre deste ano.

"Com essas taxas de crescimento, seria difícil imaginar que a pobreza não cairia", diz Ernesto Kritz, consultor da SEL (sigla em espanhol para Sociedade de Estudos do Trabalho).

"Brasilianização"

É difícil comparar as taxas de pobreza —que retratam a proporção de pessoas que ganham menos que um determinado valor de renda— do Brasil e da Argentina. Há diferenças de metodologia e de custos de vida, por exemplo. Mas, lembra Marcelo Neri, do Centro de Políticas Sociais da FGV, a trajetória das taxas, ou seja, se elas caem ou sobem, dá dicas do que ocorre nos dois países.

Do lado de lá da fronteira, ocorre o que Neri chamou de "brasilianização" da Argentina. País dentre os que têm melhores indicadores de igualdade na região, a Argentina viu crescer tanto a pobreza quanto a desigualdade a partir dos anos 90. Ainda que não na mesma

velocidade em que a situação se deteriorou por lá, no Brasil caíram pobreza e desigualdade.

A proporção de miseráveis no Brasil caiu de 35,1% em 1992 para 22,7% em 2005. No mesmo período, o número de indigentes na Argentina subiu de 3,8% em 1992 para 12,2% em 2005. Vale ressaltar que o nível de indigência chegou a 27% no país vizinho em 2002.

As proporções não são comparáveis. Os 31% de pobres argentinos têm padrão de vida mais alto do que os 22,7% de miseráveis brasileiros, e não é possível comparar os 12,2% de indigentes argentinos com os 22,7% de miseráveis brasileiros. Mas o fato indiscutível, ressalta Neri, é que a pobreza caiu de forma persistente por aqui, com algumas exceções em anos de crise. Na Argentina, entre 1992 e 2005, ela subiu persistentemente, explodiu entre 1999 e 2003 e voltou a cair.

Algo similar ocorre com a desigualdade. O índice de Gini (quanto mais perto de 1, mais desigual o país) para o Brasil começou a cair em 1999, indicando redução da desigualdade. Ele foi, em 2005, de 0,568. Na Argentina, no mesmo perí-

do, ele ficou praticamente estável, em 0,501. Daí a "brasilianização" mencionada por Neri.

A experiência dos dois países mostra que crescer é importante para reduzir a pobreza. Mas também, diz Kritz, só crescer não adianta. Ele diz que o nível de desemprego hoje, em torno de 12%, é similar ao de meados dos anos 90. "Mas a pobreza é mais alta." Kritz aponta para o crescimento do mercado informal, onde está quase metade da

Apesar de expansão, parte da população deve seguir pobre

A preocupação é tanta do lado de lá da fronteira que os argentinos criaram um novo conceito, o de "núcleo duro de pobreza". Artemio Lopez, da Equis Consultora, fez os cálculos: ainda que a economia argentina cresça em média 5% até 2009, sem mudanças na estrutura do mercado de trabalho, um quarto da população continuará abaixo da linha de pobreza.

"A Argentina conseguiu destruir o padrão distributivo do país em 30 anos. Na década de 70, havia 6% de pobres e 15% de informalidade. Hoje, com quase metade dos trabalhadores na informalidade e com mais desigualdade, é mais difícil reduzir a pobreza", diz Lopez.

Ele prevê que em determinado ponto a pobreza não será mais sensível ao crescimento, ou seja, mesmo com dinamismo econômico, haverá uma proporção da população excluída dos ganhos de renda. "Um trabalhador informal ganha, na

Argentina, um terço do que recebe um formal", completa.

Ernesto Kritz diz, por exemplo, que o quadro hoje é de quase pleno emprego para o setor formal. "No caso das empresas que buscaram trabalhadores no segundo trimestre, 15% não encontraram por falta de qualificação. O mercado de trabalho está muito segmentado."

No curto prazo, diz o especialista, a única saída para melhorar a situação são os programas de transferência de renda do governo, que hoje beneficiam 1,4 milhão de argentinos. Mas, lembra ele, os benefícios não são reajustados desde 2002. Só conseguindo emprego, diz ele, "o trabalhador sai da indigência, mas não da pobreza".

Já Lopez diz que apenas duas mudanças estruturais, no mercado de trabalho e no sistema produtivo argentino, conseguiriam evitar o florescimento do "núcleo duro da pobreza": a criação de vagas em setores mais produtivos, por um lado, e a formalização dos postos de trabalho, por outro.

Para 75%, renda não atende as suas necessidades

Apesar de os índices oficiais indicarem a redução da pobreza na Argentina, a percepção das pessoas sobre seus rendimentos é outra. Quase metade dos chefes de família que não são pobres pelo critério oficial dizem sentir-se "pobres" porque sua renda é insuficiente para alcançar o nível de vida que já tiveram no passado ou porque falta dinheiro para cobrir as necessidades de sua família.

Pesquisa do Cerx (Centro de Economia Regional e Experimental) realizada em julho deste ano com 650 chefes de família da Grande Buenos Aires revela que 75% deles dizem que a renda mensal familiar não

atende as suas necessidades. O número daqueles que se sentem pobres é menor: 48%.

Dados do governo argentino indicam que 27% dos lares da Grande Buenos Aires vivem abaixo da linha da pobreza. Isso significa que 62% da população é pobre ou se sente pobre.

Estudo da mesma entidade mostra que, embora 84% dos chefes de família avaliem seu nível de bem-estar econômico como "regular", "ruim" ou "muito ruim", 73,5% das pessoas dizem ser "felizes" ou "muito felizes". Ao responder o que os fariam mais felizes, 81,5% apontaram melhorias relacionadas a renda e emprego.

Mínimo

O salário mínimo na Argentina é de 630 pesos (o equivalente a R\$ 436,50). Vale dizer, porém, que 45% dos postos de trabalho estão na chamada economia informal, que não necessariamente respeita esse valor.

Segundo os dados do governo, o custo mensal da cesta básica de bens e serviços em setembro foi maior do que o mínimo: 861 pesos (R\$ 596,60). O Cerx mostrou um valor ainda maior 1.732 pesos (R\$ 1.200).

"As famílias estão dizendo que precisam de mais dinheiro para viver do que o governo determina que elas necessitam", diz Victoria Giarrizzo, diretora do Cerx. (BL)

Em favelas de Buenos Aires, programas sociais ainda fazem a diferença

BRUNO LIMA
DE BUENOS AIRES

De um lado, estão o imponente shopping Patio Bullrich, as lojas caras e os belos apartamentos do coração da Recoleta. Do outro, onde o olhar do turista não alcança, está a miséria — bastando para isso cruzar as linhas de trem que partem do Retiro.

A “villa miseria” (que é como se chama a favela argentina, graças a um romance da década de 50) ainda não chegaram os efeitos do crescimento econômico. Os que contam ter melhorado de vida são os que recebem ajuda de programas sociais.

Em área valorizada da cidade, não pára de crescer a mais nobre das “villas miseria” de Buenos Aires: a Villa 31, que a **Folha** visitou na sexta-feira e

que tem pelo menos 12 mil habitantes (algumas estimativas de organizações de moradores, entretanto, falam de mais de 100 mil). Está fora do plano de urbanização de favelas, pois incomoda a elite argentina, que sonha vê-la sumir para dar lugar a uma extensão de Puerto Madero.

Basta um passeio pelas vielas para saber que não há muita diferença entre a pobreza portenha e uma grande favela da capital paulista.

Pedro Maidana, 32, faxineiro, e Maria Victoria Aquino, 30, dona-de-casa, moram ali com os quatro filhos — recebem 430 pesos mensais de crédito no cartão de benefício social. O programa lembra o Bolsa Família do Brasil.

Ela contou que tinha acabado de voltar do hospital e, quando ia ser atendida, faltou

luz. Reclamou de outros serviços públicos, mas emendou: “Antes do Kirchner, não ligavam a mínima para nós. Alguma coisa mudou”.

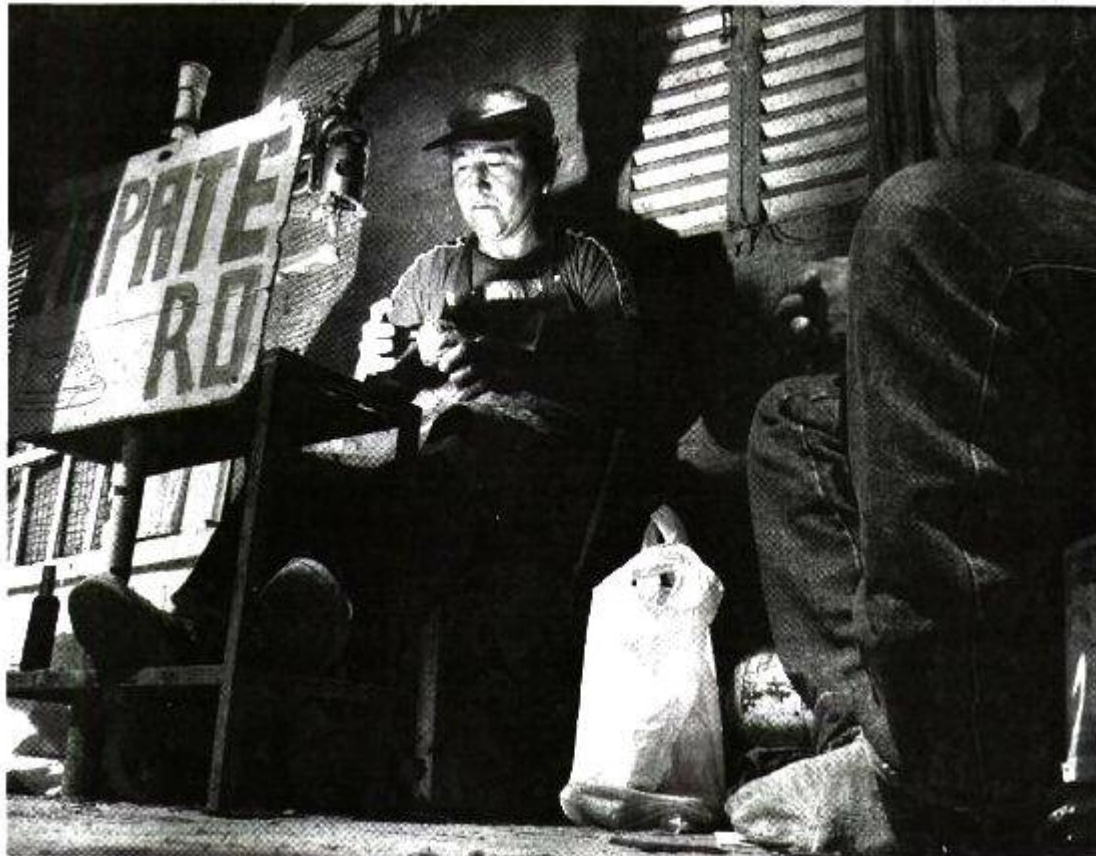
Na “villa” argentina, favela plana, sem morro, paraguaios e bolivianos terminam o sonho de fazer riqueza em Buenos Aires.

Clotilde Coronel, 38, paraguaia, chegou há cinco meses e afirma que, depois dela, já viu chegar muito mais gente.

Veio com o marido, que faz bicos como pedreiro, e dois filhos pequenos. “Viemos porque ouvimos dizer que o governo aqui ajuda. O Paraguai é um desastre.”

Alberto Cabrera, 56, deixou Santa Cruz de La Sierra, na Bolívia, pouco antes da eleição de Evo Morales. Foi catador de papel e depois aprendeu o ofício de sapateiro.

“Me decepcionei. Sonhava uma outra Argentina, mas estou melhor.” Os dois filhos que o acompanharam frequentam a escola em vez de trabalhar, como antes. Ele também disse receber o benefício do governo argentino.



O boliviano Alberto Cabrera trabalha como sapateiro na Villa 31, favela de Buenos Aires

Com essas taxas de crescimento, seria difícil imaginar que a pobreza não cairia

ERNESTO KRITZ

consultor da SEL (sigla em espanhol para Sociedade de Estudos do Trabalho)

Me decepcionei.
Sonhava uma outra
Argentina, mas estou
melhor

ALBERTO CABRERA

sapateiro e morador da Villa 31, que deixou Santa Cruz de La Sierra, na Bolívia, pouco antes da eleição de Evo Morales

POBREZA EM QUEDA NA ARGENTINA

Taxa de pobreza caiu 34% de 2003 a 2005

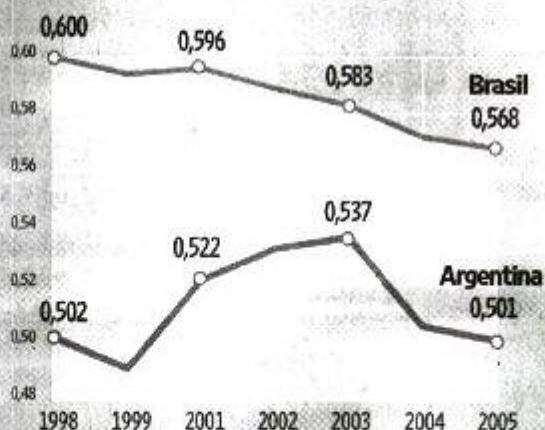
Proporção de pobres, em % da população



Fontes: Universidad Nacional de la Plata, INDEC, Encuesta Equis

Indicador de desigualdade

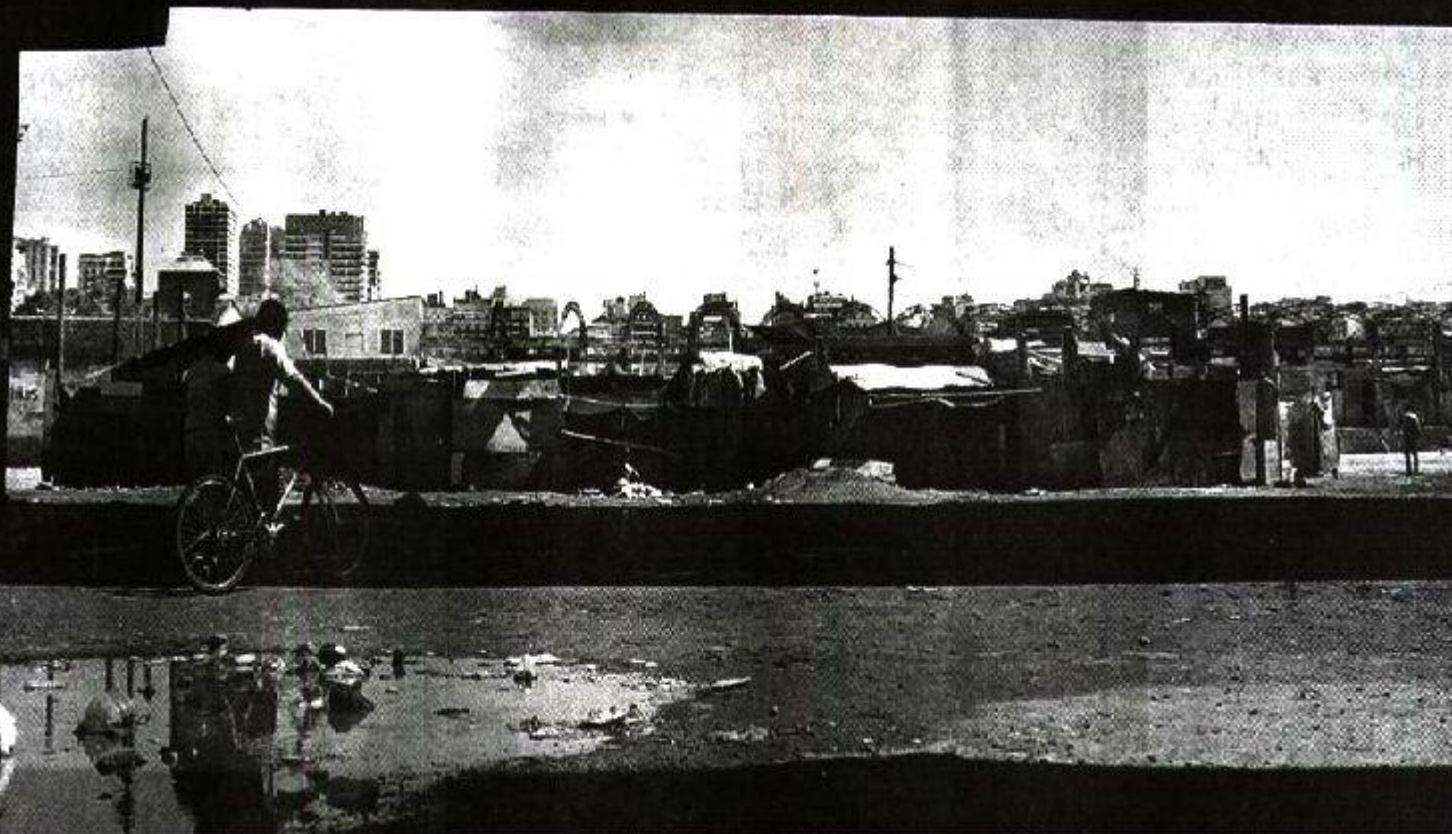
É medido pelo índice de Gini, quanto mais próximo de 1, mais desigual é o país



Brasil e Argentina

Redução da taxa de pobreza, entre 2003 e 2005, em %





Vista da favela Villa 31, centro de pobreza situado no meio da zona mais rica de Buenos Aires, na Argentina; no local vivem hoje pelo menos 12 mil habitantes